

editorial

Dura Ciência

> António Fidalgo



Neste número do *Urbí*, o primeiro do ano lectivo de 2005/2006, dá-se relevo à física, com a entrevista ao Prof. João da Providência, Presidente do Departamento de Física, e com o artigo de opinião do Prof. António Tomé sobre as alterações climáticas. A celebração dos 100 anos da teoria da relatividade, elaborada por Einstein em 1905, justificaria só por si esse relevo, mas o furacão Katrina, que há uma semana levou a destruição e a miséria aos estados norte-americanos do Golfo do México, e a prolongada e extrema seca em Portugal tornam mais pertinente realçar a importância da investigação e do ensino da física numa universidade.

Hoje as chamadas ciências exactas ou duras atraem pouco os estudantes, não só os portugueses, mas os estudantes em geral pela Europa fora. Os piores resultados que se verificam nos exames nacionais no fim do ensino secundário são os de matemática e de física. As razões para a alergia da maioria dos jovens, que não todos, são de ordem vária, desde o facilismo próprio de uma sociedade de consumo ao experimentalismo pedagógico que imperou nas últimas décadas. No entanto, será bom ter presente que sobretudo desde Newton a física foi vista como a ciência modelo de todas as ciências e que o século XX foi em grande medida marcado pelos avanços da investigação na física e pelos correspondentes sucessos tecnológicos, teoria da relatividade, física quântica, cisão do átomo, energia nuclear, conquista do espaço, tecnologias da informação e telecomunicações, para enumerar apenas os mais conhecidos.

Desde o início que a UBI quis ser uma universidade por inteiro, com fundamentos sólidos, apostando forte nas ciências de base, as ciências duras, matemática, física e química. Ora se o financiamento das universidades é feito em Portugal com base na captação dos alunos, e portanto sujeito às modas de cursos, a verdade é que há saberes universitários que não podem ser encarados e financiados ao sabor do mercado, mas apoiados pelo valor intrínseco que constituem e representam para a universidade e para o país.

Sem dúvida que o problema verdadeiramente grave de Portugal é a baixa formação profissional, escolar e científica da população. Isso foi entendido pelas autoridades nacionais e pelas das Comunidades Europeias, agora União Europeia. Uma parte significativa dos fundos que Portugal recebeu nos últimos 20 anos foi destinada à formação. Sindicatos, autarquias, associações de todo o tipo candidataram-se e receberam milhões de contos para a formação. Os resultados não foram famosos, porque se quis fazer omeletes sem ovos: dar formação profissional sem uma base escolar e científica. A qualificação profissional da população portuguesa passa forçosamente, quer se queira quer não, por uma formação escolar séria e por uma formação científica sólida.

Neste momento temos a iniciativa do Governo de José Sócrates de avançar com um Plano Tecnológico para incrementar a produtividade nacional, para retirar de vez Portugal da cauda da Europa em termos de qualificação profissional da sua população. Voltamos ao mesmo. Ou se pretende de facto melhorar essa qualificação através de medidas a valer: melhor formação escolar e científica, ou se faz simplesmente para "inglês ver": dando mais dinheiro a cursos profissionais de esquina, investindo em computadores que servem para jogar, conectando-os em rede para ir buscar os últimos DVDs e para fazer *chat* com amigos e conhecidos durante as horas de trabalho.

Por mais importante que seja para a população portuguesa ter acesso às novas tecnologias, nem que seja para seguir as catástrofes naturais, de outras partes do globo e as próprias, como a seca e os incêndios, muito mais importante é aprender o "b a b" das leis da física que explicam os fenómenos naturais, ajudam a prever os fenómenos extraordinários e a precaver-se das catástrofes.

Dura ciência a física é verdade. É altura de acabar com as ciências divertidas, como se se aprendesse a matemática e a física a brincar, ao jeito da "Rua Sésamo". Mas também aqui a física é modelo das outras ciências. O conhecimento científico é exigente, obriga a estudo, a concentração. Saber do mundo, mudar o mundo, conquistar o mundo, tem como condição saber as leis que regem o mundo. A física é esse conhecimento aprofundado do mundo, da natureza e do cosmos.

Novos mestrados

O mestrado em Reabilitação e Ambiente da Construção inicia-se este ano na UBI e é um dos primeiros nesta área específica da Engenharia Civil a entrar em funcionamento em Portugal. Os objectivos definidos para este novo curso passam por dotar os licenciados "de conceitos científicos e aplicações práticas no domínio da reabilitação e da qualidade de ambiente interior dos edifícios", adiantam os responsáveis pelo curso.

"Melhor qualidade e constante actualização" são duas das metas do Departamento de Psicologia e Educação que lança dois novos mestrados. Um em Educação, na área de especialização em Formação Pessoal e Social, que procura "ir ao encontro das necessidades de formação sentidas pelos docentes do ensino básico e secundário e por todos os profissionais em condições de produzir intervenções no âmbito da formação pessoal e social", dizem os responsáveis. Um segundo mestrado em Educação Social vai funcionar com "uma filosofia

assente na perspectiva de promoção do conceito de comunidade educativa, pretendendo proporcionar competências no sentido de convocar sinergias entre as várias instituições educativas", adiantam.

A UBI vai apresentar este ano duas novas pós-graduações. Uma nas áreas da Saúde e da Física e outra relacionada com a Gestão e Economia. O arranque da licenciatura em Ciências Biomédicas vai também marcar o início de uma pós-graduação em Física Biomédica virada para os técnicos hospitalares, pessoal médico e profissionais que lidam com tecnologias nesta área. O Departamento de Gestão e Economia vai apresentar uma nova pós-graduação este ano. "Contabilidade e Finanças para Não Financeiros" é o nome do novo curso a entrar em funcionamento no ano lectivo de 2005/2006. Alguns dos mestrados já a funcionar na UBI vão abrir mais vagas como é caso da Imunologia Clínica, Ciências da Comunicação e Sociologia, entre outros.

UBI continua a crescer

Segundo o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES), para o ano lectivo de 2005/2006, as Universidades vão abrir vagas para 47 001 novos alunos. Números que denotam um acréscimo de 328 lugares em relação a 2004, dos quais 285 na área da saúde.

Também na UBI esse crescimento se faz sentir. Para o ano lectivo de 2005/2006, a instituição oferece um total de 1145 vagas. O aumento do número de lugares em cursos superiores regista-se em Design Industrial, com um acréscimo de

oito vagas, em Arquitectura, com mais sete e em Ciências da Comunicação, com mais seis. Engenharia da Produção e Gestão Industrial (EPGI), Engenharia do Papel, e Matemática Ensino, são as licenciaturas sem vagas. No total, a UBI cresce em 30 vagas. No que respeita à área da saúde, Medicina continua com 80 vagas e este ano vai entrar em funcionamento a licenciatura de Ciências Biomédicas, com um total de 45 vagas.

O processo de candidatura e os lugares disponíveis, para a UBI podem ser consultados em www.ubi.pt.

Estágios internacionais

A promoção de estágios em empresas internacionais é o principal objectivo da Associação Internacional de Estudantes do Sector Económico e Comercial (AIESEC). Esta associação gerida por estudantes funciona em vários países do mundo e está implantada na UBI há alguns anos. António Crespo é o actual presidente do núcleo da Covilhã e dá como exemplo de vitalidade da organização o estágio de uma aluna da UBI num banco holandês, ou de um outro recém-licenciado, numa empresa informática na Lituânia. Estas palavras têm boa recepção entre o grupo dos dez presidentes dos comités locais que se reúnem de dois em dois meses "para apresentarem e debaterem os problemas da associação", explica Crespo. Desta vez, o ponto de encontro foi na UBI e serviu para apresentar novas propostas.

Pedro Silva, licenciado em Economia é o presidente, a nível nacio-

nal, da AIESEC. Segundo este responsável, "o trabalho que vai ser promovido a partir de agora destina-se a passar uma outra imagem da associação, mais na vertente das suas capacidades e das suas melhorias para o currículo dos estudantes". Já António Crespo apresenta outras medidas, "pensadas a nível local". Actualmente a AIESEC conta com 25 associados na UBI. Um número que "não é negativo para o trabalho que tem vindo a ser feito, mas que queremos aumentar". Daí que a partir do próximo ano lectivo, esta associação se vá estender aos técnicos da Guarda e de Castelo Branco. Com este acréscimo "espera-se um aumento no número de associados e uma melhor cobertura das necessidades da região". Crespo refere que uma das preocupações da organização "passa por responder às necessidades de jovens quadros superiores em determinadas áreas".

breves

Português para estrangeiros

Ota Rossini é um dinamarquês de 28 anos que conhece Portugal através da Covilhã. A passagem pela cidade resumiu-se ao mês de Agosto, para estudar a língua portuguesa, depois rumou até à Universidade do Porto onde fica mais seis meses. Este é um dos 60 alunos que vieram de toda a Europa ao abrigo do Programa de Intercâmbio Escolar Sócrates/Erasmus. Trine Larsen é outra aluna que frequentou o curso de Verão. "Não se aprende só a falar português, mas também se contacta com a cultura e com as tradições deste povo", refere.

Na UBI é ministrado um curso intensivo de Verão. Uma centena de horas de aulas teóricas e um mês de prática. Isto porque, segundo Ana Carrilho, uma das quatro docentes de Português, "o curso não se resume só a aulas teóricas, os alunos vão também contactar com as aldeias históricas, com a população e com a cultura". Todo o trabalho prévio desta iniciativa é feito pelo Gabinete de Programas e Relações Internacionais que recebe o contacto dos alunos, prepara a sua estadia e organiza várias actividades.

CES apresenta novo projecto

Conhecer grupos excluídos, que existem nos distritos da Guarda e de Castelo Branco, são parâmetros que vão nortear o "Inserções". Este projecto, lançado pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da UBI, e que vai desenvolver-se até Dezembro de 2007, traz algumas novidades no campo de actuação. Para além de tentar contribuir para o desenvolvimento local, os mentores propõem-se "conhecer a realidade dos públicos excluídos ou vulneráveis à exclusão", referem os membros do CES.

Desde Maio passado que a UBI acolhe uma equipa de três licenciados que começaram a desenvolver as linhas mestras do "Inserções". Este projecto pretende traçar as características dos grupos de exclusão social e dos factores que levaram à exclusão, adiantam os responsáveis. Outra das características inovadoras que será colocada pelo "Inserções" tem a ver com a criação de um "Observatório Digital", que poderá ser actualizado de forma permanente. Esta base de dados vai receber todas as informações que o grupo que constituiu o "Inserções" conseguir recolher. Isto para que "o diagnóstico destas questões fique em aberto de forma a seja possível fazer alterações", acrescentam os responsáveis do CES.